



Memórias de Paulo Freire: constituição de uma teoria e contribuições à Educação Social

Franciele Clara Peloso, Doutora em Educação pela UFSCar, Professora Adjunta da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus de Pato Branco, Departamento de Ciências Humanas, fclara.15@gmail.com

Resumo

Este ensaio contextualiza a história do educador Paulo Freire, apresentando as suas memórias de infância, de adolescência, de juventude e idade adulta, no intuito de sublinhar a importância que cada momento representa ter na construção do seu pensamento. Através de revisão de literatura a respeito da vida de Paulo Freire em suas próprias obras e, também, em algumas biografias, escritas por outros autores, foi possível realizar um levantamento sobre a sua história e as influências de sua infância, bem como da sua adolescência, da sua juventude e idade adulta como questões fundantes para a construção do seu pensamento e a partir disso evidenciar suas contribuições para a educação social. Nesse sentido, a vida de Paulo Freire reflete a busca coerente, de tornar mais claras, as ligações entre política e educação, resultando em uma pedagogia ética para a transformação social, causa a que dedicou boa parte de sua vida, de seus estudos, de suas lutas e que resultam em suas contribuições à área da educação social.

Palavras-chave: Paulo Freire. Memórias. História de vida. Educação social.

Paulo Freire memories: theory construction and contributions on social education

Abstract:

This essay contextualize the educator Paulo Freire's history, presenting his childhood, adolescence, youth and adulthood memories, in order to mark the importance that each moment represent on his thought construction. Through literature revision on Paulo Freire's life, on his own works, and also some biographies, it was achievable to carry out a survey on his history and influence from childhood, teenage, youth and adulthood, as precursor questions on his thought construction in order to evidence his contribution to the social education. This way, Paulo Freire's life reflect upon the coherent search, to become more clear the relationship between politics and education, resulting in an ethical pedagogy to the social transforming, cause which he dedicated good part of his life, studies and fights and culminate in his contributions to the social education field.

Keywords: Paulo Freire. Memoirs. Life history. Social education.

Introdução

Paulo Freire nasceu no início do século XX, no nordeste do Brasil. É lido e reconhecido mundialmente como um dos mais importantes educadores brasileiros e latino-americano. Gostava de se descrever como um menino conectivo¹, como uma pessoa amorosa. Encontramos em sua obra relatos de uma vida marcada pela esperança, pela luta política e pedagógica, pelo desejo de humanização. A obra de Paulo Freire é singularizada pela sua experiência de vida. Sua biografia traz elementos que se configuram como questões edificantes do seu postulado.

Sob esta perspectiva nosso objetivo neste ensaio é recorrer às memórias de Paulo Freire, sublinhar toda uma teoria marcada pela experiência e, a partir disso, evidenciar as contribuições que sua teoria traz para a educação social.

Para alcançar nosso objetivo realizamos uma revisão de literatura a respeito da vida de Paulo Freire nas obras: *Sobre Educação (Diálogos)* (1982); *Medo e Ousadia: o cotidiano do professor* (1986); *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido* (1992); *Pedagogia da Autonomia* (1996a); *Pedagogia dos sonhos possíveis* (2001); *Aprendendo com a própria história II* (2002); *Cartas a Cristina* (2003); *Pedagogia do Oprimido* (2005); *A importância do ato de ler* (2006a); *À sombra desta mangueira* (2006b); *Educação na Cidade* (2006c); *Essa escola chamada vida* (2007). Consultamos, também, algumas biografias, escritas por outros autores, sobre Paulo Freire, são elas: *Convite à leitura de Paulo Freire*, escrita por Moacir Gadotti (1989); *Paulo Freire: uma biobibliografia*, organizada por Moacir Gadotti com a colaboração de Ana Maria Araújo Freire, Ângela Antunes Ciseski, Carlos Alberto Torres, Francisco Gutiérrez, Heinz-Peter Gerhardt, José Eustáquio Romão e Paulo Roberto Padilha (1996b) e *Paulo Freire, o menino que lia o mundo: uma história de pessoas, de letras e de palavras*, por Carlos Rodrigues Brandão (2005).

Esse ensaio está organizado da seguinte forma: iniciamos relatando as experiências de Paulo Freire na infância, seguido de suas memórias de adolescência, juventude e vida adulta de modo a evidenciar a importância que sua experiência de vida tem na construção de suas reflexões. Nesse sentido, optamos por nos utilizar dos próprios depoimentos de Freire, uma vez que eles expressam as emoções, afetos e aprendizagens de sua vida. Essas

¹ Para aprofundar a questão de Paulo Freire como menino conectivo ver Mafra (2007).

características não podem ser ignoradas na compreensão da vida e da obra do educador supradito. Em seguida, apontamos elementos de sua obra que consideramos essenciais e que estão na base da discussão da educação social. Por fim, nas considerações finais retomamos questões centrais desse ensaio com destaque para a trajetória profissional de Paulo Freire que evidencia que a origem de sua teoria está na sua experiência da vida cotidiana. É importante destacar que as ideias contidas nesse texto, bem como alguns de seus fragmentos são parte integrantes de um estudo de mestrado (PELOSO, 2009)², no qual discutimos sobretudo como a teoria freiriana pode ser considerada e reinventada também na Educação da Infância.

Paulo Freire menino: das percepções do mundo

Paulo Reglus Neves Freire nasceu em 21 de setembro de 1921. Nasceu e passou a sua infância no Recife, Pernambuco, uma região marcada pela pobreza, no Nordeste do Brasil. Filho de Joaquim Temístocles Freire, rio-grandense-do-norte e de Edeltrudes Neves Freire, pernambucana. O mais moço de seis filhos, dos quais dois morreram antes que ele nascesse. O nome foi escolha de seu pai, no entanto a pessoa responsável pelo cartório, a qual fez o registro de Paulo cometeu um equívoco ao invés de Re-gu-lus, registrou-o como Reglus e, por isso, desde muito cedo foi chamado somente Paulo Freire (GADOTTI, 1989).

Freire nos conta em sua obra *Sobre Educação (Diálogos)* (1982), que seus pais eram marcados por uma cultura patriarcal e machista a qual caracteriza o Nordeste brasileiro no final do século XIX e início do século XX. No entanto, testemunha que seus pais tinham uma compreensão bastante ‘moderna’ para o momento histórico em que viviam. Seu pai era dez anos mais velho que sua mãe, ambos de classe média, diz ele que é provável que tenham tido experiências escolares bastante semelhantes. Seu pai chegou a completar o ginásio, falava francês fluentemente e dominava muito bem a língua portuguesa, era sargento do Exército, sua mãe era bordadeira. Destaca que sua educação inicial aconteceu através de práticas de formação, de educação, do uso da liberdade, da

² Estudo intitulado: Paulo Freire e a Educação da Infância das Classes Populares em reflexões, imagens e memórias reveladas. Programa de Pós-graduação Mestrado em Educação. Universidade Estadual de Ponta Grossa (2009). A pesquisa foi orientada pela Profa. Dra. Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula.

criatividade, do respeito e da tolerância regadas de disciplina, que não era autoritarismo. Fala de seus pais amorosamente. “Meu pai”, diz ele:

Era um homem que tinha certas virtudes que um militar pode e deve desenvolver, como por exemplo, o senso da disciplina que ele jamais converteu em autoritarismo [...] Era um militar, mas não um autoritário; ele tinha autoridade, fazia a sua autoridade legítima. Mas jamais exacerbou essa autoridade. Isto batia muito com a forma de ser da minha mãe, que era inclusive, muito meiga e muito mansa, nesse sentido, mais que ele. Ele era também muito afetivo, extrovertido na sua afetividade... (FREIRE 1982; p. 18-19).

É possível perceber que na cotidianidade da educação de Paulo Freire existe uma coerência entre o agir de seus pais. Pode-se dizer que o excerto anterior deixa transparecer o que mais tarde ele viria a chamar de *tensão entre a autoridade e a liberdade*. Escreve ele, em sua obra, *Pedagogia da Autonomia* (1996a, p. 118) que o limite está para a liberdade; “quanto mais criticamente a liberdade assume o limite necessário tanto mais autoridade tem ela”. A disciplina caracteriza-se como “a relação harmoniosa entre os pólos contraditórios, que são a autoridade a liberdade” (FREIRE 1982; p. 18). Relata que seu pai viveu sempre essa harmonia na contradição entre a sua autoridade e a liberdade de seus filhos e que teve papel fundamental em sua busca. Conta, ainda, que foi exatamente vivendo muito bem a sua liberdade em face da autoridade de seus pais, que indiscutivelmente começou a constituir sua autoridade de pai. Diz: “no fundo, minha autoridade de pai se gerou na minha liberdade de filho em relação contraditória com a autoridade de meu pai e de minha mãe” (FREIRE 1982; p. 19).

Freire relata em sua obra *A importância do ato de ler* (2006), num esforço de retomada da infância distante, que viveu no bairro de Casa Amarela, Estrada do Encanamento, 724; descreve todo o contexto físico e geográfico em que viveu a sua infância e qual o significado que atribui a isso. Tal relato fica detalhadamente explícito, de forma bastante poética, no seguinte texto:

Me vejo então na casa mediana em que nasci, no Recife, rodeada de árvores, algumas delas como se fossem gente, tal intimidade entre nós – à sua sombra brincava e em seus galhos mais dóceis à minha altura eu me experimentava em riscos que me preparavam para riscos e aventuras maiores. A velha casa, seus quartos, seu corredor, seu sótão, seu terraço – o sítio das avencas de minha mãe, o quintal amplo em que se achava, tudo isso foi o meu primeiro mundo. Nele engatinhei, balbuciei, me pus de pé, andei, falei. Na verdade, aquele mundo especial se dava a mim como o mundo de minha atividade perceptiva, por isso mesmo como o mundo de minhas primeiras leituras. Os “textos”, as “palavras”, as “letras” daquele contexto se encarnavam no canto dos pássaros - o do

sanhaçu, o do olha-pro-caminho-quem-vem, o do bem-te-vi, o do sabiá -, na dança das copas das árvores soprando por fortes ventanias que anunciavam tempestades, trovões, relâmpagos, as águas da chuva brincando de geografia: inventando lagos, ilhas, rios, riachos. Os “textos”, as “palavras”, as “letras” daquele contexto se encarnavam também no assobio do vento, nas nuvens do céu, nas suas cores, nos seus movimentos; na cor das folhagens, na forma das folhas, no cheiro das flores – das rosas, dos jasmims -, no corpo das árvores, na casca dos frutos. Na tonalidade diferente de cores de um mesmo fruto em momentos distintos: o verde da manga-espada verde, o verde da manga-espada inchada, o amarelo esverdeado da mesma manga amadurecendo, as pintas negras da manga mais além de madura. A relação entre estas cores, o desenvolvimento do fruto, a sua resistência à nossa manipulação e o seu gosto ... Daquele contexto faziam parte igualmente os animais: os gatos da família, a sua maneira manhosa de enroscar-se nas pernas da gente, o seu miado, de suplicia ou de raiva; Joli, o velho cachorro negro de meu pai, o seu mau humor toda a vez que um dos gatos incautamente se aproximava demasiado do lugar em que se achava comendo e era – “estado” – desportivamente perseguiu, acuava e matava um dos muitos timbus responsáveis pelo sumiço de gordas galinhas de minha avó (FREIRE, 2006a; p. 12-13).

Paulo Freire relata que nesse contexto, na sua época, as pessoas se reuniam em rodas de conversa para contar histórias, destaca a importância da oralidade que ali se desenvolvia, bem como o saber que se construía e passava de geração para geração. Conta ele que a maioria das histórias o levava a ter medo das almas penadas, medo que só pôde ser desmistificado a partir do conhecimento e compreensão de seu mundo. Ressalta também, da importância que esse momento representou na sua vida, e a contribuição que teve para suas reflexões.

Freire conta que foi alfabetizado no chão do quintal de sua casa, à sombra das mangueiras, com palavras do seu mundo de criança, diz: “o chão foi o meu quadro-negro; gravetos o meu giz” (FREIRE 1982; p. 18). Testifica que foi alfabetizado por seus pais e que sua experiência de diálogo começou com eles e com o testemunho deles.

Em suas palavras:

[...] eles me alfabetizaram partindo de palavra minhas, palavras da minha infância, palavras da minha prática como criança, da minha experiência, e não das palavras deles [...] Eu me lembro exatamente [...] lembro exatamente... das duas mangueiras... no meio das quais meu pai me pendurava a rede... me lembro daquele pedaço de alguns metros que possibilitavam o ir e vir da rede, e que tinha uma área assim bem limpa no chão. Minha mãe costumava sentar ao lado, numa cadeira de vime... meu pai balançava-se... Eu tenho no ouvido ainda o ranger, com atrito, da rede... Não que eles tivessem feito daquele espaço a escola minha. E isto é que eu acho formidável: a informação e a formação que me iam dando se davam num espaço informal, que não era o escolar, e me preparavam para este, posteriormente (FREIRE, 1982; p. 14-15).

Nessa perspectiva, identificou-se na educação recebida por Paulo Freire neste período de sua vida, aspectos e características da educação não-formal. Freire não frequentou uma instituição de Educação Infantil, mesmo porque na década de 1920 as instituições de atendimento às crianças pequenas no Brasil eram destinadas às crianças muito pobres, órfãs e para as mães que trabalhavam fora do lar. Nesse sentido, as instituições de atendimento às crianças pequenas eram vistas como um “paliativo” e atuavam como políticas emergenciais, não se constituíam como instituições destinadas à todas as crianças (FARIA, 2002; OLIVEIRA, 2002).

Com efeito, é possível perceber que a Educação que Paulo Freire recebeu de seus pais, desde a infância, se caracteriza por apresentar aspectos educativos desenvolvidos dialogicamente³ e com muito afeto. Ao que parece era um tratamento que permitia a curiosidade, a autonomia, a liberdade, mas, ao mesmo tempo, entendido a partir de valores como o respeito e a responsabilidade.

É possível que o contexto da educação experienciado em sua infância o tenha influenciado, de forma significativa e particular, durante toda a sua vida. Percebemos essa influência quando delimita suas concepções de diálogo, de amorosidade, de autonomia, de curiosidade epistemológica. Vale lembrar que o que o movia durante toda a sua trajetória era a curiosidade de menino, a qual ele diz nunca ter deixado morrer. É o que explicita nos textos a seguir:

[...] é importante dizer, a “leitura” do meu mundo, que me foi sempre fundamental, não fez de mim um menino antecipado em homem, um racionalista de calças curtas. A curiosidade do menino não iria distorcer-se pelo simples fato de ser exercida, no que fui mais ajudado do que desajudado por meus pais. E foi com eles, precisamente, em certo momento dessa rica experiência de compreensão do meu mundo imediato, sem que tal compreensão tivesse significado malquerenças ao que ele tinha de encantadoramente misterioso, que eu comecei a ser introduzido na leitura da palavra. A decifração da palavra fluía naturalmente da “leitura” do mundo particular. Não era que se estivesse dando supostamente a ele (FREIRE, 2006a; p. 15).

Pode-se dizer que Freire foi o pré-escolar, como ele mesmo conta em uma de suas obras, livre... desprezioso. Assim, quando entrou na escola, a primeira escola “formal” de sua vida, já estava alfabetizado. Sua primeira escola não era pública, mas particular.

³ Quando nos referimos aos aspectos educativos desenvolvidos dialogicamente estamos nos referindo a uma educação que não foi impositiva, mas dialogada. Na perspectiva freiriana o processo da dialogicidade consiste no diálogo entre as pessoas, de compreensão e ação do/sobre o mundo para transformá-lo.

Freire relata que ao chegar à escolinha da professora Eunice Vasconcelos já sabia ler e escrever e que lá continuou e aprofundou o trabalho iniciado por seus pais relata, ainda, que com ela, a professora Eunice, a leitura da palavra foi a leitura da “palavramundo”⁴. Conta que frequentou essa escola por volta de um ano e pouco, com a mesma professora, e o que o marcou na passagem por ela e com ela foi uma atividade que costumeiramente chamavam de “formar sentenças”, conta que esse exercício o agradava muito, pois era significativo, mostrava a concretude das palavras que formavam frases, as quais descreviam e significavam algo (GADOTTI, 1989).

Paulo Freire diz que teve uma infância feliz, apesar das dificuldades que começou a viver, sobretudo a partir de seus oito e nove anos. As dificuldades a quais se refere são reflexos da grande crise de 1929, a qual obrigou que sua família se mudasse, quando ele tinha dez anos, para Jaboatão, cidade próxima ao Recife. Em relação à mudança para Jaboatão Freire descreve que foi uma experiência difícil, de ruptura:

Mais do que qualquer outra coisa me percebia como se estivesse sendo expelido, jogado fora de minha própria segurança. Sentia um medo diferente, até então não experimentado, me envolver. Era como se estivesse morrendo um pouco. Hoje sei. Vivia na verdade, naquele instante, a segunda experiência de exílio semiconsciente. A primeira fora a de minha chegada ao mundo assim que deixei a segurança do útero de minha mãe. Os dois caminhões que meu pai contratara para o transporte de nossos teréns chegaram cedo. Os carregadores começaram em seguida a sua faina a que eu assistia calado, de um canto do estreito terraço da velha casa, sem obstaculizar o seu vai-e-vem apressado. Um a um vi saírem os móveis [...]. Mas não era somente a casa que ia se esvaziando. Era eu também, ali parado, calado, no canto do terraço de onde só me movi para entrar na boléia de um dos caminhões com meu pai, também calado. Já dentro do caminhão, que começava a marchar lentamente, ele olhou, pela última vez, o jardim de minha mãe que tantas vezes defendera da agressividade das formigas. Olhou apenas, sem dizer palavra como sem dizer palavra esteve durante quase todo o percurso entre o Recife e Jaboatão, naquela época, uma viagem (FREIRE, 2003; p. 64-66).

Em Jaboatão, um novo mundo se apresentou para o menino Paulo Freire. Ele relata que teve a oportunidade de jogar pelada nos campos de futebol, que tinha amigos de diferentes classes, que se encontrava com meninos e meninas, filhos e filhas de camponeses e operários, com pessoas que moravam em morros, córregos e muitos outros lugares. Diria ele mais tarde:

⁴ Freire se refere a “palavramundo” quando diz que somos seres capazes de nomear o mundo e por isso seres históricos.

[...] mesmo quando não tivesse ainda, pela própria idade, percebido que estava já me preparando para algo que comecei a fazer mais adiante no campo da Educação Popular, foram importantes as experiências de que participei na adolescência, com meninos camponeses, com meninos urbanos, filhos de operários, com meninos que moravam em córregos, morros, numa época em que vivíamos um pouco longe do Recife. A experiência com eles foi me fazendo habituar com uma forma diferente de pensar e de se expressar, que era exatamente a sintaxe popular, a linguagem popular, a cuja expressão mais rigorosa me dedico hoje como educador popular. Todo o momento daquela experiência me preparava, em muitos aspectos, pela convivência com os tipos de amigos que eu tinha, para, mais adiante, homem moço ainda, me reencontrar com trabalhadores [...] (FREIRE; BETTO, 2007; p. 07-08).

Foi, também, em Jaboatão que terminou o curso primário e perdeu seu pai aos treze anos. Freire relata que com a morte do pai, ‘a coisa piorou’ (FREIRE, 1982; p. 20). Em suas palavras, com emoção singular, expressa ele:

Ao lado do vazio afetivo que a morte de meu pai nos deixou, seu desaparecimento significou também o agravamento de nossa situação. De um lado, a ausência do chefe da família; do outro, a diminuição drástica na parca aposentadoria que meu pai recebia, reduzida à *pensão* que minha mãe passou a receber como sua viúva. Uma insignificância realmente. Só entre 1935 e 1936 houve uma real melhora com a participação efetiva de Armando, meu irmão mais velho, que conseguira um trabalho na Prefeitura Municipal do Recife; de Stela, que recebeu seu diploma de professora do primeiro grau e começara a trabalhar e de Temístocles, que andava o dia inteiro no Recife fazendo mandados para um escritório comercial. (FREIRE, 2003, p. 107-108).

Diante da situação, a família de Freire voltou para o Recife e se mantinha com uma pensão muito pequena. Por conta das dificuldades financeiras, seus estudos primários foram adiados. Sua mãe começou a buscar uma bolsa de estudos e a conseguiu no Colégio Oswaldo Cruz. Só entrou no ginásio, atualmente sexto ano do Ensino Fundamental, com dezesseis anos, seus colegas deveriam ter onze ou doze anos. Ao relatar esse episódio de sua história ele o descreve da seguinte maneira:

Eu consegui fazer, Deus sabe como, o primeiro ano de ginásio com 16 anos. Idade com que meus colegas de geração, cujos pais tinham dinheiro, já estavam entrando na faculdade. Fiz esse primeiro ano de ginásio num desses colégios privados, em Recife; em Jaboatão só havia escola primária. Mas, minha mãe não tinha condições de continuar pagando a mensalidade e, então, foi uma verdadeira maratona para conseguir um colégio que me recebesse com bolsa de estudos. Finalmente ela encontrou o Colégio Oswaldo Cruz e o dono desse colégio, Aluizio Araújo, que fora antes seminarista, casado com uma mulher extraordinária, a quem eu quero um imenso bem, resolveu atender o pedido de minha mãe. Eu me lembro que ela chegou em casa radiante e disse: “Olha, a única exigência que o Dr. Aluizio fez é que você fosse estudioso. Eu, poxa, eu

gostava muito de estudar e fui para o Colégio Oswaldo Cruz...(FREIRE, Revista Ensaio, nº14, p. 05. In Brandão, 2005, p. 28).

Ao entrar nesse Colégio, Freire se depara com outra realidade. Passa a conviver com meninos e meninas, em sua maioria, bem vestidos, bem alimentados e, além disso, meninos e meninas que detinham maior capital econômico e, de certa forma, cultural e intelectual. Frente a esse contexto ele revela que fazia uma leitura completamente negativa de sua aparência e também de sua capacidade intelectual. Conta que era bastante alto e magro, tinha a sensação de ser um adolescente feio. Revela, ainda, que tinha medo de fazer perguntas em sala de aula, por ser mais velho, sentia-se no encargo de expor questões melhor elaboradas que os demais e, por esse motivo, calava-se. Ao rememorar esse fato, ele escreve:

Me lembro assim, de tão longe, de momentos um pouco dramáticos em que, em certo sentido, quase que eu rejeitava o meu próprio corpo, a minha própria forma, porque eu a achava demasiado angulosa e feia. E isso poderia ter descambado, inclusive, para uma série de consequências graves, numa etapa difícil da adolescência, e ter me arrombado com uma baita crise aí, que finalmente não deu. Mas fui capaz de dar a volta sobre isso. Mas isso me levava a não fazer perguntas. Então, timidamente, eu me aproximava de alguns professores, com quem eu estabelecia uma melhor relação, e aí a eles diretamente eu fazia perguntas. Ou os visitava, às vezes (FREIRE, 1982, p. 92).

Paulo Freire (1986) destaca que essa fase de sua vida foi uma fase de descobertas, de leitura e compreensão de como as relações sociais se estabeleciam. Sua infância e adolescência foram marcadas por experiências de luta pela sobrevivência e, as tramas de que fez parte, testemunha ele, serviram na compreensão das injustiças sociais, no apontamento de caminhos e na descoberta de valores. Diz ainda, que desde a infância a discriminação o irritava e a partir dessa irritação, procurava entender, entre outras coisas, porque ele não comia e outros comiam e, a partir disso, se preparava para compreender as desigualdades sociais e começava a perceber que o mundo precisava ser mudado e seu espírito crítico já começava a se destacar, isso porque a experiência o ensinou a relação entre classe social e conhecimento (FREIRE; SHOR, 1986; p. 40). Certamente, esses momentos experienciados em sua infância e adolescência fizeram com que Freire refletisse sobre uma “pedagogia do silêncio”. Pedagogia marcada na pele, na experiência.

Paulo Freire adulto: das convicções do mundo

Freire viveu em Jaboatão por nove anos, de abril de 1932 a maio de 1941, depois regressou, juntamente com sua família para o Recife. Completou os setes anos dos estudos secundários (cursos fundamental e pré-jurídico) no Colégio Oswaldo Cruz. Aos vinte e dois anos ingressou na Faculdade de Direito do Recife, optou por esse curso, pois era o único oferecido dentro da área de Ciências Humanas, nessa época o curso de formação para educadores não era oferecido em Pernambuco. Nesse período Freire já era professor de Língua Portuguesa no mesmo Colégio onde estudou (GADOTTI, 1989).

Em 1944, antes de concluir seus estudos universitários, casou-se com Elza Maria Costa Oliveira, professora primária, com quem teve cinco filhos: Maria Madalena, Maria Cristina, Maria de Fátima, Joaquim e Lutgardes. Relata ele, em sua obra *Cartas a Cristina* (2003), que de 1941 a 1944 se dedicou intensamente a leituras críticas de gramáticos brasileiros e portugueses.

Ao término de seus estudos universitários, logo percebeu que não queria seguir a prática jurídica e sim a carreira de educador. Assim, em 1947, no Recife, Freire foi convidado a participar do recém-criado Serviço Social da Indústria – SESI – Departamento Regional de Pernambuco, instituído pela Confederação Nacional das Indústrias. Esta experiência foi marcante em sua vida. Ele a denominou como momento fundante de sua teoria.

No SESI passou a ter contato com a educação de crianças, de adultos e de trabalhadores. Ele testemunhou que a partir dessa experiência aprendeu a dialogar com a classe trabalhadora, a compreender a sua forma de ler o mundo, por meio de diferentes linguagens. Gadotti (1989) explicitou que foi essa experiência que o tornou, de fato, um educador, pois foi aprendendo na prática que ele aprendeu algo que jamais o abandonaria: a pensar sempre na prática e na teoria concomitantemente. Dessa maneira, Freire reconheceu que o SESI foi um momento significativo para o processo de sua formação política e pedagógica, um tempo de “solduras e ligaduras”, também foi o momento que possibilitou o seu reencontro com a classe trabalhadora. Referiu-se ao reencontro, pois o encontro considera ter acontecido na sua infância e adolescência em Jaboatão, em sua convivência com meninos camponeses e urbanos, filhos de trabalhadores rurais e citadinos (FREIRE, 2003).

Assim, foi diretor do Setor de Educação do SESI, coordenando o desenvolvimento das atividades dos professores, trabalho que buscava abranger as famílias das crianças atendidas e preocupava-se com as relações entre escolas e famílias. Para tanto, ficou responsável por estudar as relações entre alunos, professores e pais e também realizar atividades como palestras, conversas, entre outras. As raízes de seu pensamento pedagógico encontram-se no estudo dessas relações.

Freire descreveu em sua obra *“Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido”* (1992) que suas orientações idealistas, feitas por meio de discursos prontos, oferecidas às famílias operárias, não apresentavam resultados e, a partir dessa percepção, buscou conduzir a sua prática em outra direção. Atribuiu o problema identificado às diferenças de linguagem, como ele mesmo escreve, “as diferenças sintáticas e semânticas”, entre a sua linguagem e a dos operários. Passou a contemplar o estudo da linguagem do povo como ponto de partida para a evolução de sua pedagogia, aprendeu dessa experiência que era necessário falar *com* o povo e não *ao* povo. Freire ocupou o cargo de diretor desse Setor do SESI de 1947 a 1954 e foi superintendente, ainda deste setor, de 1954 a 1957.

Suas primeiras experiências, como professor universitário, ocorreram na Escola de Serviço Social, lecionando a disciplina de Filosofia da Educação. Em 1958, Paulo Freire foi Relator da Comissão Regional de Pernambuco e autor do relatório intitulado: *“A Educação de Adultos e as Populações Marginais: o problema dos Mocambos”*. Este relatório defendia que a educação de adultos das Zonas dos Mocambos, existentes no Estado de Pernambuco, teria que considerar a experiência advinda da realidade vivida, sem reduzir-se ao puro e simples conhecimento de letras, palavras e frases. Nesta ocasião já defendia que a educação para a democracia deveria acontecer *com* os educandos e não *sobre* eles (FREIRE, 1996a).

Ao final do ano de 1959, Freire prestou concurso para obtenção do título de Doutor em Filosofia e História da Educação, defendeu a tese: *“Educação e atualidade brasileira”*. Neste estudo, de acordo com Scocuglia (2001), ele defendia uma prática educativa democrática, voltada para o desenvolvimento nacional. Nessa perspectiva, identifica-se que a grande contribuição teórica, do período, estava relacionada aos pressupostos do ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiros), que contava com a participação de vários intelectuais. O ISEB protagonizava discussões relacionadas à cultura e defendia a

economia, a produção e a indústria nacionais. Neste Instituto estava à origem dos estudos teóricos relacionados ao nacional-desenvolvimentismo, característica presente na tese defendida por Paulo Freire.

Ghiraldelli (2006) salientou que as correntes filosóficas que orientavam os estudos do ISEB eram bastante diversificadas. Neste sentido, eram marcantes as contribuições do marxismo, do existencialismo e do pensamento cristão. Nesse período houve uma intensa produção teórica, a qual resultou em diferentes movimentos pedagógicos. Estes movimentos tinham a intenção de transformação social e, para isso, primavam pelo despertar da reflexão crítica a respeito da situação de opressão vivida pelas massas populares. Desses movimentos resultaram os interesses pela educação popular, expressa, principalmente nas obras de Paulo Freire e numa série de movimentos sociais, políticos e culturais, que tiveram seu auge no início dos anos de 1960.

Como exemplo desses movimentos, é possível citar os CPC's (Centros Populares de Cultura), o MCP (Movimento de Cultura Popular) e o MEB (Movimento de Educação de Base). Os dois primeiros estavam ligados à UNE (União Nacional dos Estudantes), o terceiro ligado à CNBB (Confederação Nacional dos Bispos no Brasil), que, aos poucos, foi cedendo às ideias mais democráticas do pensamento social-cristão. Segundo o mesmo autor, foi nesse contexto prático-teórico que Paulo Freire tornou-se o protagonista de uma ação que foi constituindo-se na "*Pedagogia de Paulo Freire*" ou "*Método Paulo Freire*". Pedagogia libertadora, pedagogia problematizadora, conscientizadora ou popular.

Nessa direção, Freire relatou que o MCP (Movimento de Cultura Popular), movimento do qual participou, nasceu da vontade política de Miguel Arraes, prefeito recém-eleito da cidade do Recife, a que se juntou a intenção de grupos de líderes operários, de artistas e de intelectuais. A principal intenção do movimento era a de fazer possível a existência de uma instituição, de natureza pedagógica, movida pelo gosto democrático de trabalhar juntamente com as classes populares e não sobre elas. Dentro desse Movimento foram trabalhados inúmeros projetos, com o objetivo de oportunizar uma compreensão crítica do papel da cultura no processo de formação e no da luta política pelas necessárias mudanças sociais; da cultura em geral e da cultura popular em particular, como da educação progressista de crianças, de jovens e de adultos. Freire relatou que alguns resultados das atividades desenvolvidas nos Círculos de Cultura no MCP, repetiam acertos

metodológicos de atividades antes realizadas no SESI. Ao recordar a sua atuação e os objetivos desse movimento, Freire relatou que:

O MCP se inscrevia entre quem pensava a prática educativo-política e a ação político-educativa como práticas desocultadoras, desalienadoras, que buscavam um máximo de consciência crítica com que as classes populares se entregassem ao esforço de transformação da sociedade brasileira. Se uma sociedade perversa, injusta, autoritária, para outra, menos perversa, menos injusta, mais aberta, mais democrática. (FREIRE, 2003, p. 172).

Esse movimento era a configuração da educação popular. Posteriormente, Paulo Freire protagonizou a experiência de alfabetização de adultos em Angicos, no Rio Grande do Norte. Foi na prática de Angicos que Freire solidificou o seu método de alfabetização. Freire buscou unir, nessa experiência, educação e rigorosidade política⁵ e foi essa combinação que fez tal experiência obter resultados positivos.

Especificamente suas contribuições para a área da Educação/Pedagogia Social tem suas raízes nos preceitos da Educação Popular. De acordo com Paludo (2010) é Paulo Freire quem consegue fazer a leitura da realidade brasileira e latino-americana, engajado nas lutas no Brasil dos anos 1960, e iniciar o processo de formulação de uma pedagogia pautada em diferentes abordagens filosóficas e de práticas educativas populares concretas.

Diante de todas as experiências vivenciadas e de todos os projetos de que fez parte, Paulo Freire começou a desenvolver e aperfeiçoar sua teoria. De acordo com o seu posicionamento filosófico, o método com que trabalhou partia da realidade dos educandos e a alfabetização não poderia se resumir a uma técnica de ensino, pois era um processo dinâmico. Neste sentido, os educadores não seriam os detentores do saber, tampouco os educandos seriam os objetos. A relação educador-educando aconteceria dialogicamente, ambos seriam os sujeitos do processo, os educadores superariam as posturas autoritárias e, abertos ao diálogo, tornar-se-iam, assim como os educandos, ensinantes e aprendentes.

Essas atividades realizadas em Angicos tiveram repercussões no país inteiro. O então presidente, João Goulart, convidou Freire para repensar a alfabetização de adultos

⁵ A eficácia e validade do método Paulo Freire consistia em partir da realidade dos alfabetizandos, do que já conheciam, do valor pragmático das coisas e fatos cotidianos de suas vidas, de suas situações existenciais. O método obedecia às normas metodológicas e linguísticas, mas ia além delas, porque desafiava os alfabetizandos a se apropriarem do código escrito e a se politizarem, tendo uma visão de totalidade da linguagem e do mundo. Muito mais que um método de alfabetização, se caracterizava como ampla e profunda compreensão da educação que tinha como cerne de suas preocupações a sua natureza política (FREIRE, 1996b).

em âmbito nacional, de modo a ser coordenador do Plano Nacional de Alfabetização. O objetivo deste plano era implantar 20 mil círculos de cultura, distribuídos nas capitais dos estados, para dois milhões de analfabetos. O presidente Goulart convidou também Darcy Ribeiro para coordenar a reforma universitária e Lauro de Oliveira Lima para coordenar a reforma do Ensino Secundário. No entanto, todas essas ações foram interrompidas pelo Golpe Militar de 1964 (GADOTTI, 1989).

Com o Golpe Militar Paulo Freire foi considerado subversivo e foi preso em Recife. Conseguiu asilo na embaixada da Bolívia. Porém, como na Bolívia também houve golpe de Estado, ele foi para o Chile. Paulo Freire revelou que foi no Chile que a sua experiência de exílio começou, local onde viveu de novembro de 1964 a abril de 1969. No Chile, assumiu vários cargos junto ao governo e no ano de 1967 escreveu sua primeira obra: *“Educação como prática da liberdade”*. Tal obra representou a junção de pressupostos presentes em vários artigos e em sua tese de doutoramento, na qual a ideia principal era a transformação da sociedade pela educação.

Segundo Scocuglia (2001) esta obra disseminou a ideia de uma educação calcada no existencialismo e no personalismo, em busca da humanização do ser humano, isso por intermédio de uma prática psicopedagógica. Torres (1998) assinalou que a referida obra partilhou de pressupostos teóricos de educadores modernos como Anton Makarenko, Celestin Freinet, Carl Rogers, John Dewey e muitos outros.

Em seguida, no ano de 1968, escreveu sua obra de maior repercussão: *“Pedagogia do Oprimido”*, que foi lançada, primeiramente, em inglês e espanhol em 1970. Essa obra referenciava os mecanismos opressivos presentes na educação, os quais serviam ao sistema capitalista e propunha um método abrangente, pelo qual o humano poderia tornar-se ser humano através da palavra, que passaria a ser cultura conscientizadora e politizadora.

Nesse viés, é possível afirmar, de acordo com alguns estudiosos de Freire (Scocuglia, 2001; Torres, 1998), que as discussões realizadas na obra *“Pedagogia do Oprimido”* perpassam a relação consciência – ideologia, no contexto da superestrutura e não ao nível das relações interestruturais, posição assumida por Freire, mais tarde, em sua obra *“Cartas a Guiné-Bissau”*.

Em abril de 1969, Paulo Freire foi convidado para ser professor, no período de dois anos, da Universidade de Harvard, em Massachusetts. Na sequência, ele recebeu um convite do Conselho Mundial das Igrejas de Genebra, para trabalhar na Suíça. Paulo ficou

dividido e resolveu aceitar o convite de Harvard por seis meses e depois seguiu para Genebra.

Enquanto esteve em Harvard, teve dificuldades para se familiarizar com a língua inglesa e testemunhou que estudou muito para conseguir compreender e ser compreendido em inglês. Paulo Freire recebeu vários convites para seminários, palestras e até mesmo, para lecionar em outras universidades, não restringindo a sua atividade docente a Harvard. Ainda neste período, Freire relatou que os convites que recebia nos finais de semana ultrapassavam a área universitária, acadêmica. Contou que, de vez em quando, era convidado a passar os fins de semana discutindo assuntos relativos à educação num gueto negro, num gueto porto-riquenho, entre outros. Ele afirmou que foi exatamente essa convivência “com os proibidos, com os interditados” que ele percebeu a presença do terceiro mundo no corpo do primeiro mundo. Foi também nesse período que escreveu mais uma de suas obras: “*Ação cultural para a liberdade*”, na qual enfatizou o contraste de sua ideia de ação cultural com o imperialismo cultural e, para a análise desse contraste, o contexto dos Estados Unidos era propício.

Neste sentido, verificou-se a presença de novos alicerces teóricos na referida obra. Segundo Scocuglia (2001), essa obra caracterizou-se como uma das produções mais importantes e conceituais de Paulo Freire. Em “*Ação cultural para a liberdade*”, Freire enfatizou, principalmente, o binômio educação/consciência de classe. Dessa maneira, foi possível perceber e afirmar o movimento presente nas produções de Freire e identificar a progressão do seu pensamento. Ou seja, Freire constituiu-se um intelectual de mente aberta. Ele estava em constante processo de aperfeiçoamento, de elaboração teórica e em construção de si mesmo. Buscava se compreender como intelectual e ser humano inconcluso.

Depois de ficar quase um ano nos Estados Unidos, Freire seguiu para Suíça, para ser Consultor Especial no Conselho Mundial das Igrejas⁶, em Genebra. Mesmo tendo recebido várias propostas para permanecer nos Estados Unidos, preferiu ir para a Europa, justificando que tal oportunidade lhe ofereceria o que nenhuma universidade poderia lhe dar:

⁶ É preciso destacar que a influência da Igreja Católica na Educação Infantil, neste período, ocorreu através dos Movimentos Eclesiais de Base que auxiliaram as mulheres da periferia no Movimento de Luta por Creches.

Por quê? Porque enquanto a universidade me oferecia uma docência anual, semestral, com grupos de 25, 30 alunos – podia ser até com menos alunos às vezes; o primeiro mundo tem muito dinheiro para permitir que um professor ganhe muito bem para trabalhar com três alunos num semestre, por exemplo, sem que haja malandragem nenhuma nisso; é claro, eles podem, têm dinheiro para oferecer uma pesquisa mais radical -, mas enquanto as universidades me ofereciam isso, que de modo nenhum é negativo, o Conselho Mundial das Igrejas me oferecia o mundo, para que eu me experimentasse como docente. A universidade me dava 25 alunos por ano. O Conselho Mundial das Igrejas abria as portas do mundo para a minha atividade pesquisadora, a minha atividade docente e a minha atividade discente. Quer dizer, no Conselho Mundial, a partir dele, eu teria gradativamente o mundo como objeto e sujeito da aprendizagem. Eu iria ensinar e aprender (FREIRE; GUIMARÃES, 2002, p. 90-91).

Na Suíça, Freire foi professor da Universidade de Genebra. No ano de 1971, Paulo Freire e outros exilados brasileiros criaram o IDAC (Instituto de Ação Cultural), sendo o principal objetivo desse Instituto se constituir como centro de pesquisa e de intervenção pedagógica. Nesse mesmo período, Paulo Freire começou a ter contato com o continente Africano.

Em 1975, Paulo Freire, ainda em Genebra, foi convidado, juntamente com a equipe do IDAC, pelo ministro da Educação da República da Guiné-Bissau, Mário Cabral, para ir até o seu país a fim de contribuir no desenvolvimento de seu programa nacional de alfabetização. Assim, Paulo Freire assessorou vários países da África, recém-libertada da colonização europeia, entre eles São Tomé e Príncipe, Cabo Verde, Angola e, sobretudo Guiné-Bissau.

Desta experiência, escreveu a obra: *“Cartas à Guiné-Bissau: Registros de uma Experiência em Processo”*. Segundo Gadotti (1989; 1996), esta pode ser considerada a mais relevante das obras de Paulo Freire, por constituir o período mais avançado de sua práxis. Essa obra apresentou caráter de livro-relatório. Foi composta por relatos, feitos por meio de cartas, as quais apresentaram o contexto para o qual e com relação ao qual foram escritas. Em diálogo com o chileno Antônio Faundez, Paulo Freire (FREIRE; FAUNDEZ, 1985) relatou que a sua vivência na África trouxe momentos importantes em sua formação e por isso, as primeiras palavras escritas na obra citada são uma demonstração humilde do que significou o seu encontro com a África. Este encontro foi um re-encontro com o seu país de origem, o Brasil. Ele testemunhou ainda, que ao longo desta experiência, conseguiu alcançar uma compreensão mais crítica da educação como ato político e da política como ato educativo.

Em junho de 1980, Paulo Freire voltou ao Brasil e afirmou que precisava reaprender o País. Ao voltar para o Brasil, Paulo Freire teve de recomeçar a sua vida. Suas atividades na Universidade Federal de Pernambuco, antiga Universidade do Recife, haviam sido suspensas com o golpe de 1964. Ele também havia sido aposentado das suas funções como docente desta mesma Universidade. Para reaver seus direitos, a Lei de Anistia exigia que o ex-exilado requeresse do governo um estudo do seu caso. No entanto, Paulo Freire considerou essa exigência ofensiva e não a aceitou. Desta forma, com sua família, passou a morar na cidade de São Paulo. Freire voltou às suas atividades como professor na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC – SP. Passado algum tempo, começou a trabalhar também na Universidade de Campinas – Unicamp e com os movimentos de educação popular.

Quando retornou do exílio, escreveu a obra *“Educação e Mudança”*. Nesta obra, segundo Scocuglia (2001), Freire associou o seu “humanismo cristão progressista” com as influências marxistas, presentes na obra *“Pedagogia do Oprimido”*, que tinha suas bases em Hegel, mas, também, aproximou-se de Gramsci. De acordo com tais considerações Freire se pronunciou, naquele momento, da seguinte maneira:

Em última análise, devo dizer que tanto minha posição cristã quando a minha aproximação de Marx, ambas jamais se deram ao nível intelectualista, mas sempre referidas ao concreto. Não fui às classes oprimidas por causa de Marx. Fui a Marx por causa delas. O meu encontro com elas é que me fez encontrar Marx e não ao contrário (FREIRE, 2006b, p.74-75).

De acordo com Ghiraldelli (2006), as décadas de 1970 e 1980 representam um marco na literatura nacional e nas obras de Freire. Muitos livros surgiram nesse período e influenciaram de maneira significativa as práticas educacionais. Neste sentido a pedagogia de Paulo Freire tornou-se um ideário educacional. No entanto, Ghiraldelli (2006) afirma que tal pedagogia foi exportada para o mundo todo e, no Brasil, foi rejeitada em alguns momentos, mas, em contrapartida, se articulou a outras teorias afins, ou seja, as pedagogias denominadas libertadoras. Um exemplo dessa articulação foi o encontro das teorias de Paulo Freire e Celestin Freinet (1896-1966). Freire e Freinet foram entendidos, para certos públicos, a partir de pressupostos e concepções muito próximas.

As ideias de Freire e Freinet foram difundidas em instâncias diferentes. Freinet teve seus pressupostos utilizados para embasar a educação das crianças com idade inferior aos sete anos, na década de 1970, ganhando até mesmo incentivo oficial, governamental.

Ghiraldelli (2006) afirmou que o MEC, produziu trabalhos elogiando as vantagens de se trabalhar com a técnica Freinet. Freire teve seus estudos e seu trabalho difundidos nas CEBs (Comunidades Eclesiais de Base), para tanto, serviu para embasar a educação de jovens e adultos e a educação popular. É importante lembrar que isso aconteceu devido ao momento e prioridade de alfabetização de adultos no país.

De acordo com Gadotti (1989), em 1980, Paulo Freire filiou-se ao PT (Partido dos Trabalhadores) e durante seis anos, trabalhou como diretor e fundador da Fundação Wilson Pinheiro. Ele trabalhava diretamente com o projeto de alfabetização de adultos. Essa Fundação estava ligada ao partido.

Em 1986, Paulo Freire foi surpreendido com a morte de sua companheira, Elza. Eles viveram juntos 42 anos. Existem relatos (GADOTTI, 1989; 1996) que Freire sofreu muito e que até pensou em desistir de lutar pela cotidianidade da vida. Em 1988, Paulo Freire casou-se com Ana Maria Araújo, que segundo ele o ajudou a “reinventar as perdas” (FREIRE, 1992), ajudando-o a prosseguir em sua alegria de viver.

Ainda em 1988, Paulo Freire foi convidado por Luiza Erundina, eleita prefeita de São Paulo, para ser Secretário Municipal da Educação de São Paulo. Assumiu o cargo em janeiro de 1989 e permaneceu até 1992. Diante do novo desafio, Freire propôs uma gestão democrática para que pudesse seguir e ter êxito com as atividades relacionadas à Educação. Permaneceu, aproximadamente, dois anos e meio à frente da Secretaria de Educação.

Encontrou uma secretaria em condições escassas no que concerne aos aspectos físicos e pedagógicos e buscou realizar uma gestão coerente no sentido de atender às ideologias propostas pelo governo, de fazer uma gestão democrática e, também, de atender aos pressupostos de sua práxis como educador. Essa experiência foi relatada em sua obra “*Educação na Cidade*” (2006c). Após dois anos, afastou-se do cargo de Secretário Municipal de Educação de São Paulo com o intuito de retomar as suas atividades acadêmicas. No entanto, continuou como membro de seu colegiado, até fins de 1992. Dessa forma, voltou a escrever e também retornou às suas atividades docentes na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC – SP – no Programa de Supervisão e Currículo do curso de Pós-Graduação.

Em 1992, Freire escreveu a obra “*Pedagogia da Esperança: um encontro com a Pedagogia do Oprimido*”. Nesta obra, Freire contou a trajetória de como a “*Pedagogia do Oprimido*” foi constituída. Diante do contexto da revisão que Paulo Freire faz de si,

percebe-se que ao elaborar seus estudos, ele não tinha somente um objeto a ser investigado para fins acadêmicos e sim inquietações oriundas da ação diante da realidade experienciada em cada momento. Cada experiência de sua vida pareceu constituir princípios fundamentais de sua concepção de educação caracterizados como um primeiro esforço de elaboração teórica.

Em 1993, Freire escreveu a obra *“Educação e Política”*. Segundo Torres (1998), para Freire: poder, política e educação constituem unidade indissolúvel. Para tanto, nesta obra, Freire enfatizou que a pedagogia dos oprimidos é a pedagogia das classes trabalhadoras. Nesse sentido pode-se afirmar que o processo de conscientização, referido insistentemente no ideário freiriano, pode operar como fator de mudanças sociais. Assim,

[...] a conscientização torna mais claro o caminho para uma compreensão crítica da situação opressora e o modo de a ultrapassar. Esta consciência crítica emerge num contexto específico de contradições sistêmicas e luta de classe, e, portanto na radicalidade das classes populares. Contudo, o que também emerge são as contradições sociais e a repressão dos sectores populares pelas estruturas e elites sociais que impedem a participação política e social. Esta consciência crítica implica, então, inequivocamente, a intenção de transformação radical do sistema político, e pode mesmo postular a transformação do próprio modo capitalista de produção (TORRES, 1998, p. 62-63).

Em 1996, Freire lançou mais uma de suas obras: *“Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa”*. Nessa obra Freire aborda a temática da formação docente e da responsabilidade do exercício docente, numa perspectiva libertadora, chamando a atenção para o desenvolvimento da autonomia dos educandos a partir de uma relação ética.

“Pedagogia da Autonomia” constituiu a última obra de Freire, lançada em vida. Ao fazer uma análise atenta de seus escritos é possível afirmar que seus pressupostos aspiravam um projeto educativo amplo, com um só objetivo: a humanização de todas as pessoas.

Paulo Freire e a Educação Social: concepções de mundo

O projeto educativo pensado por Freire, pautou-se em premissas éticas de humanização. Alguns conceitos centrais de sua obra como: diálogo, humanização, autonomia, liberdade, autoridade, diversidade, dentre outros, fundamentam uma concepção

de mundo ancorada na possibilidade da existência concreta e na vicissitude de ser gente no mundo, de todas as pessoas.

A teoria de Paulo Freire defende que a educação é prática política, por isso não se desenvolve na neutralidade, uma vez que toda a educação infere um projeto de sociedade.

De acordo com Romão (2010) a concepção de educação de Freire deriva de sua concepção a respeito da singularidade da natureza humana. Na *“Pedagogia do Oprimido”* Freire (2005) nos indica sua concepção de natureza humana situando o ser humano como um ser de relações que se estabelecem no mundo, com o mundo e com as outras pessoas. A partir dessa concepção Freire (2005) evidencia as condições de opressores e oprimidos e nos dá uma alternativa de transformação: sua formulação dos pressupostos da educação libertadora, que tem em sua base um projeto metodológico sustentado pelo diálogo.

A educação libertadora se efetiva como uma prática de educação social. Seus objetivos se voltam para a formação de pessoas capazes de transformação social. Nesse sentido as situações educativas são articuladas com os elementos da realidade imediata, acontecem em diferentes espaços e procuram compreender e agir sobre as mudanças sociais e globais. A formação a que Freire (2005) se refere deve se dar a partir de uma relação horizontal e dialógica entre educador e educando e oportunizar uma relação indissociável entre prática e teoria, nessa ordem (Romão, 2010).

Gadotti (2012) evidencia que não há um ou outro texto específico sobre Educação Social na obra de Freire, mas sim sua obra como um todo traz contribuições para pensar um projeto de educação amplo, ético e humanizado.

Dentre as contribuições de Freire à educação social podemos citar:

- O reconhecimento dos sujeitos como autores de seus processos de emancipação;
- Identificar, compreender e teorizar a prática para transformá-la;
- Assentir o saber e a cultura popular como legítimos nos processos formativos;
- As aprendizagens realizadas a partir da realidade imediata, das experiências, de processos de pesquisa e da participação popular;
- Indicar os processos coletivos como fecundos para estimular consciências e promover a conscientização;
- O reconhecimento da essência do que é humano à anuidade dos outros-eu.

- Que a educação não se dá somente na escola. Que é uma combinação do formal com o não-formal e também com o informal. Todos os espaços são educativos;
- A compreensão de que o mundo em sua totalidade é resultado da construção do conhecimento humano que por sua vez é resultado dos processos de aprendizagem;
- A ética como conceito fulcral da democracia;
- A missão de existir humanamente é missão de transformar o mundo;
- A vocação ontológica das pessoas é a humanização, que é condicionada pela realidade concreta dos contextos que participamos e das relações que estabelecemos;
- Estamos sempre aprendendo, somos inacabados.

De maneira geral podemos inferir que as contribuições de Paulo Freire à educação social se referem num primeiro momento a sua leitura ampla do mundo, de suas relações e dos processos educativos. Compreendemos essa leitura como sua capacidade de ver as facetas do modo de produção vigente e sua influência direta nos projetos educativos, fato que o leva à sua prática de educação popular e posteriormente à elaboração de sua teoria.

Paulo Freire destaca a capacidade das pessoas nos processos de criar, recriar e reinventar o mundo por meio de práticas educativas dialógicas, éticas, humanizadas e conscientes das existências. Consideramos ser esta a premissa mãe também da educação social: promover uma educação com os sujeitos do processo de modo a compreender e agir sobre o mundo para transformá-lo.

Considerações Finais

Este ensaio objetivou contextualizar a história do educador Paulo Freire, apresentando as suas memórias de infância, de adolescência, de juventude e idade adulta, no intuito de sublinhar a importância que cada momento representa ter na construção do seu pensamento e suas contribuições para a educação social.

A vida de Paulo Freire reflete a busca coerente, de tornar mais claras, as ligações entre política e educação, resultando em uma pedagogia ética para a transformação social, causa a que dedicou boa parte de sua vida, de seus estudos, de suas lutas. Por isso, a

importância de revisitar a sua trajetória pessoal e profissional, uma vez que entendemos que esse educador necessita ser lido e compreendido dentro do seu tempo, mediado por determinados contextos. Assim, acreditamos que Freire deve ser interpretado a partir de suas origens, ou seja, como alguém que viveu no Nordeste do Brasil e teve acesso a tantas diferenças sociais, raciais e educacionais presentes nesse Estado brasileiro, para citar algumas delas: a pobreza latente, o analfabetismo, a seca, a desigualdade de renda, entre outros e, também não podemos deixar de destacar que a cultura nordestina, também influenciou sua postura diante do mundo.

Diante do contexto da história de Paulo Freire é possível perceber que ao elaborar seus estudos ele não tinha somente um objeto a ser investigado para fins acadêmicos e sim inquietações oriundas da ação diante da realidade experienciada em cada momento. Cada experiência de sua vida parece constituir princípios fundamentais de sua concepção de educação caracterizados como um primeiro esforço de elaboração teórica.

Essa afirmação é válida a partir do momento que ao se utilizar de suas memórias Paulo Freire encontra nos conceitos e concepções por ele elaboradas, ao longo de sua vida, nuances da sua vida mesma, que fundamentaram seus feitos teóricos, é o que intentamos deixar explícito ao longo desse texto.

A trajetória pessoal e profissional de Paulo Freire, evidenciam que a origem de sua teoria está no seu próprio existir e traz marcas de sua experiência enquanto menino conectivo que foi durante sua infância e sua idade madura.

As contribuições da teoria freiriana à grande área da educação são elaboradas a partir de suas experiências de vida. Com sua relação com o seu tempo histórico, com seu mundo particular, com a relação com as camadas populares e com o objetivo de promover uma prática pedagógica política e transformadora. Por isso, afirmamos que suas contribuições têm efetivo alcance quando nos reportamos à educação social, uma vez que encontramos nessas contribuições as raízes das práticas desenvolvidas junto às experiências da educação popular, da pedagogia social e da educação comunitária⁷.

As ideias de Freire referentes à sua infância e seus primeiros contatos com o mundo, tanto quanto as de adulto aproximam-se pela força e espontaneidade da pura evocação da lembrança, de recordação viva, envolvente e curiosa. Suas memórias

⁷ Para aprofundar a questão sobre educação popular, pedagogia social e educação comunitária ver Gadotti (2012).

demonstram a síntese de ser humano integral que o constituiu como um intelectual de mente aberta. O mesmo acontece quando rememora os seus fatos públicos, em toda a sua trajetória, é perceptível a sua descoberta e identificação ideológica. Freire evidenciou isso quando disse: “[...] as memórias de mim mesmo me ajudaram a me entender nas tramas de que eu fiz parte e a descobrir a dimensão política e ideológica disso tudo” (2004, p. 281). Nesse sentido Bosi (1994) sustentou que a leitura social do passado, com os olhos do presente, traz um teor ideológico mais visível, isso porque o sujeito não se contenta em narrar como testemunha histórica neutra. Assim, a memória dos acontecimentos públicos suscita uma palavra presa à situação concreta do sujeito. Para compreendê-la é necessário levar em conta a localização de classe e a profissão do memorizador para entender a sua (re)significação dos fatos.

Pelo exposto, faz-se importante observar que em todo o rememorar de sua trajetória, Freire se revisitou, se reconstruiu e se (re)significou, sempre fazendo a síntese do menino e do homem conectivo com suas experiências, afirmando que “[...] isso tudo, o Paulo Freire de hoje vem não só disso, mas através disso” (FREIRE, 2004, p. 283). Sua memória, ao mesmo tempo em que buscou, reconstruiu e se reconstruiu por meio de sua experiência vivida, trouxe a experiência do coletivo e das tramas de que fez parte, ou seja, ele só foi capaz de ter essa experiência devido à existência e participação em um contexto maior. Enfim, Paulo Freire morreu de infarto, aos 75 anos, na madrugada do dia 02 de maio de 1997.

Referências

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Paulo freire, o menino que lia o mundo: uma história de pessoas, de letras e de palavras**. São Paulo: UNESP, 2005.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de. **Educação pré-escolar e cultura: para uma Pedagogia da Educação Infantil**. 2. Ed. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Cortez, 2002.

PELOSO, Franciele Clara. **Paulo Freire e a Educação da Infância das classes populares em reflexões, imagens e memórias reveladas**, 2009. 165f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa, 2009.

FREIRE, Ana Maria Araújo. A voz da esposa: a trajetória de Paulo Freire. *In*: GADOTTI, M. (org). **Paulo Freire: uma bibliografia**. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire; Brasília: Unesco, 1996b. p. 27-64.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Sobre educação** (Diálogos), Vol. 1. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 21. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: UNESP, 2001.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Aprendendo com a própria história II**. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis**. 2 ed. São Paulo: Unesp, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da tolerância**. São Paulo: UNESP, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 40 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 48 ed. São Paulo: Cortez, 2006a.

FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira**. 8 ed. São Paulo: Olho D'Água, 2006b.

FREIRE, Paulo. **Educação na cidade**. 7 ed. São Paulo: Olho d'água, 2006c.

FREIRE, Paulo; BETTO, Frei. **Essa escola chamada vida: depoimentos ao repórter Ricardo Kotscho**. 14 ed. São Paulo: Ática, 2007.

GADOTTI, Moacir. **Convite a leitura de Paulo Freire**. São Paulo: Scipione, 1989.

GADOTTI, Moacir. A voz do biógrafo brasileiro: a prática à altura do sonho. *In*: _____. **Paulo Freire: uma bibliografia**. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire; Brasília: Unesco, 1996.

GADOTTI, Moacir. Educação Popular, Educação Social, Educação Comunitária: conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum. *In: Revista Diálogos: pesquisa em extensão universitária. IV Congresso Internacional de Pedagogia Social: domínio epistemológico.* Brasília, v.18, n.1, dez, 2012.

GHIRALDELLI, Paulo. **História da Educação Brasileira.** 2ed. São Paulo: Moderna, 2006

MAFRA, Jason. **A conectividade radical como princípio e prática da educação em Paulo Freire.** Tese (Doutorado em Educação – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo), 2007. 262f.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. **Educação Infantil: fundamentos e métodos.** São Paulo: Cortez, 2002.

ROMÃO, José Eustáquio. Educação. *In: STRECK, Danilo R. [et al] (orgs). Dicionário Paulo Freire.* 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. p. 133-134.

PALUDO, Conceição. Educação Popular. *In: STRECK, Danilo R. [et al] (orgs). Dicionário Paulo Freire.* 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. p. 139-141.

SCOCUGLIA, Afonso Celso. A progressão do pensamento político-pedagógico de Paulo Freire. *In: Carlos A. T. (Org.). Paulo Freire e a agenda da educação latino-americana no século XXI.* Buenos Aires: CLACSO - Conselho Latino-americano de Ciências Sociais, 2001, v. 1, p. 323-348.

TORRES, Carlos. Alberto. A pedagogia política de Paulo Freire. *In: APPLE, M.; NÓVOA, A. (orgs). Paulo Freire: política e pedagogia.* Portugal: Porto, 1998, p. 47-68.